



Terrorismo contemporâneo: fundamentalismo religioso e loucura no discurso da revista Veja ¹

Antonio Marcos Pereira Brotas²

Faculdades Jorge Amado (FJA)

Resumo

A ampla cobertura dada pela grande mídia aos atentados terroristas de Madri, Beslan e Londres revela a importância que jornais e revistas brasileiros têm dispensado ao terrorismo internacional. Seguindo a cobertura do 11 de setembro, marcada por uma uniformidade de compreensão, num enquadramento fechado, restrito ao pensamento do governo americano, no olhar da mídia ocidental para o terrorismo, predomina a leitura religiosa. A escolha da religião como centro da compreensão dos atentados, entretanto, nos distancia da possibilidade da melhor compreensão das sociedades orientais, reforça a lógica orientalista, ao mesmo tempo em que impede identificar a participação do ocidente nestes acontecimentos que chocam o mundo “civilizado” pela violência. A análise da cobertura da revista Veja revela como um discurso culturalmente restrito reduz substancialmente a oferta de uma leitura relativa de outras formações culturais.

Palavras-chave

Terrorismo, Fundamentalismo, jornalismo internacional, discursos patológico.

Sobre Orientalismo e terrorismo “islâmico” na contemporaneidade.

O fenômeno do terrorismo contemporâneo invadiu o noticiário internacional. Jornais, revistas, sites e emissoras de televisão de todo o mundo dispõem tempo e espaço consideráveis para abordar o tema, suas variações e implicações nas sociedades atingidas pela violência do ato. Os discursos patológico e religioso são apontados como fator de compreensão motivacional da problemática, na atualidade. Na revista Veja estes elementos são base para a compreensão do fenômeno, eliminando, praticamente, questões sócio-políticas do seu discurso. Mas a busca pelo entendimento mais amplo da questão, envolve conhecimento das Relações Internacionais, História Política e Antropologia, os quais o jornalismo pode recorrer ao reportar o terrorismo contemporâneo.

Edward W Said (1990), palestino que nasceu em Jerusalém, em novembro de 1935 e morreu nos Estados Unidos, em setembro de 2003, lançou em 1978, um livro que se transformaria em bibliografia obrigatória quando o tema é Oriente Médio. Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente demonstra como o Ocidente

¹ Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA. Professor das Faculdades Jorge Amado e coordenador do Núcleo Observatório da Mídia da instituição. ambrotas@uol.com.br



edificou uma visão do Oriente, através de idéias, formulações científicas, literatura, estereótipos e representações, como um lugar misterioso, selvagem, bárbaro, onde impera o atraso e a irracionalidade. Um lugar completamente oposto ao racional, naturalmente lógico e virtuoso Ocidente. Esta dicotomia simplista Oriente X Ocidente, destaca o autor, coloca o oriental numa posição inferiorizante, que detesta a democracia e a liberdade, prefere o uso da força, da barbárie, do terrorismo, estimulados por uma religião machista e totalitária.

“De maneira bastante constante, o Orientalismo depende (...) dessa superioridade posicional flexível, que põe o ocidental em toda uma série de relações possíveis com o Oriente, sem que ele perca jamais a vantagem relativa”. (SAID, 1990, p. 19).

Orientalismo, para Said, é justamente esta forma de perceber o Oriente, suas culturas e seus povos, apresenta-se enquanto uma disciplina científica especializada na cultura e tradições, uma forma de pensamento que opõe o misterioso Oriente ao iluminado Ocidente ou uma instituição que legitima a exploração comercial pelas potências ocidentais.

“O europeu é um raciocinador conciso; suas declarações de fato são desprovidas de qualquer ambigüidade; ele é um lógico natural, mesmo que não tenha estudado lógica; é por natureza cético e requer provas antes de aceitar a verdade de qualquer proposição; sua inteligência treinada trabalha como a peça de um mecanismo. A mente do oriental, por outro lado, assim como suas pitorescas ruas, é eminentemente carente de simetria. (...) Tente-se arrancar uma declaração de fato de qualquer egípcio normal. Sua explicação será em geral longa e carente de lucidez.. (CROMER in SAID, 1990, p. 90).

Said argumenta que a construção desta representação preconceituosa do Oriente teve sua origem nos escritos do poetas, escritores e viajantes como Marco Pólo e as suas *Mil e Uma Noites*, passa para a fase erudita nas palavras de orientalistas. O período de dominação efetiva instala-se em meados do século XIX, como o neocolonialismo das grandes potências européias, que invadem territórios do antigo império Turco-Otomano.

A partir da tradução das *Mil e uma noites*, o mundo muçulmano não aparece mais como domínio do Anticristo, mas essencialmente como um lugar de uma civilização exótica, pitoresca, fabulosa (cor, suntuosidade, ferocidade, haréns, eunucos, palmeiras, tapetes). Esta mudança não diz respeito a uma mudança nos muçulmanos, mas a uma mudança na sensibilidade ocidental: trata-se do nascimento do gosto pelo estranho. (Montoya, , 2005, p. 4)³

³ A autora ressalta que duas interpretações do oriental estavam presentes na Europa cristã antes do modelo exótico torna-se hegemônica. Os ocidentais percebiam o muçulmano primeiro como alguém perigoso devido a velocidade da expansão territorial árabe (século VII). No século XI, domina a figura do herege a ser combatido e morto.

Na contemporaneidade, além desse discurso ainda estar fortemente presente no meio acadêmico através de autores como Samuel Huntington e Bernard Lewis, Said destaca que os meios de comunicação são os novos orientalistas, o maior propagador de seus textos e formulações. Os jornais, nesse aspecto, reforçam a dicotomia entre Oriente e Ocidente, engedram representações monolíticas da região, enquadrando num só molde a questão iraniana, palestino-israelense, paquistanesa e afegã.

Nas fotos de notícias, o árabe é visto em grandes números. Nenhuma individualidade, nenhuma característica ou experiência pessoal. A maior parte das imagens apresenta massas enraivecidas ou miseráveis, ou gestos irracionais (desesperados). À espreita, por trás de todas essas imagens, está a ameaça da jihad. Resultado: um temor de que os muçulmanos tomem conta do mundo”. (Said, 1977 p.180)

A questão religiosa emerge como um dos elementos centrais do discurso orientalista, reproduzido e construído pela maioria dos veículos ocidentais. Said já alertava que os orientalistas clássicos pensavam o islamismo como um instrumento político e não espiritual, como uma hipocrisia organizada, um disfarce político que não consegue equiparar-se ao cristianismo, por ser totalitária, vingativa, violenta. O islã, portanto, desconheceria a noção de paz.

“O problema subjacente para o Ocidente não é o fundamentalismo islâmico. É o Islã, uma civilização diferente, cujas pessoas estão convencidas da superioridade de sua cultura e obcecadas com a inferioridade de seu poderio. O problema para o Islã não é a CIA ou o Departamento de Defesa dos Estados Unidos. É o Ocidente, uma civilização diferente cujas pessoas estão convencidas da universalidade de sua cultura e acreditam que seu poderio superior, mesmo que em declínio, lhes impõem a obrigação de estender sua cultura por todo o mundo.” (Huntington, 1997, p.273).

Samuel Huntington reforça sua tese da predominância do fator religião, argumentando que os muçulmanos compreendem cerca de 20% da população mundial, porém, nos anos 90, eles se envolveram em mais atos violentos do que os povos de quaisquer outras civilizações. A dificuldade em viver em paz com os vizinhos, também está expressa no Corão⁴, por não possuir expressas proibições à violência. “As fronteiras do Islã são sangrentas, como também o são suas entranhas” (p.328).

Bernard Lewis também comunga com esta perspectiva ao afirmar que o Oriente foi superado pelo Ocidente, em função da não divulgação das invenções e descobertas

⁴ “Uma questão importante é da originalidade do Corão. Os estudiosos tentam situa-lo no contexto das idéias correntes em seu tempo e lugar. Sem dúvida há ecos nele dos ensinamentos de religiões anteriores: idéias judaicas nas doutrinas; alguns reflexos da religiosidade monástica cristã oriental (...) Alguns estudiosos não muçulmanos, além disso, chegam a uma conclusão diferente: que o Corão contém pouco mais que empréstimos do que Maomé já dispunha naquela época e lugar. Dizer isso, porém, revela uma incompreensão do que é ser original: seja o que for que se tenha tomado da cultura religiosa, o material foi de tal modo rearranjado e transmutado que, para os que aceitaram a mensagem, o mundo conhecido foi refeito” (Hourani, 2001, p.38-39).



dos ocidentais entre os orientais, visto que o ocidente não atraia os muçulmanos por não possuir lugares sagrados. Lewis (2002) aponta a não separação entre Estado e religião como um outro fator de atraso dos orientais, o que impediu a constituição de um poder legislativo humano, ou seja, nenhum movimento secularista⁵.

Estas caracterizações levam Said (2003) a sentenciar:

O que é definido atualmente como islã, tanto na Europa como nos Estados Unidos, pertence ao discurso do orientalismo, uma construção fabricada para fomentar hostilidade e antipatia contra uma parte do mundo que por acaso tem importância estratégica devido ao seu petróleo, sua proximidade ameaçadora do mundo cristão e sua formidável história de rivalidade com o Ocidente. Contudo, isso é algo muito diverso daquilo que o islã é realmente para os muçulmanos (p.333)

Deste cenário marcadamente orientalista, a religião muçumana rapidamente passa a ser associada ao terrorismo. O termo *terrorismo islâmico* é abundante nas páginas de jornais e revistas. Reducionista, esta denominação não permite uma compreensão da complexidade que envolve o terrorismo, suas causas sócio-políticas, e deixa implícito que o problema do terrorismo está na religião, portanto, em todo o muçumano, quando na realidade é um recurso de pequenos grupos que fazem uma leitura extremista da religião.

“Longe de haver um surto de fundamentalismo islâmico, como a imprensa ocidental descreve de modo redutor, há muita oposição secular, na forma de diversas discussões sobre a interpretação da *sunnah* em questões de justiça, conduta pessoal, decisões políticas e assim por diante. Ademais, o que se esquece amiúde é que movimentos como *Hamas* e a *Jihad Islâmica* são essencialmente movimentos de protesto que vão contra as políticas capitulacionistas da OLP e mobilizam a vontade de resistir às práticas de ocupação israelenses, à expropriação de terras e coisas semelhantes” (Said 2003, 327).

Existem várias definições para terrorismo. Caracterizado entre os autores das Relações Internacionais como uma ameaça extremamente violenta ao sistema internacional, que busca atingir atores não estatais, visando um fim político, o terrorismo trabalha com a expectativa de atingir com seus atos governos, o público a fim promover na sociedade o medo.

De modo geral, não sem controvérsia, o terrorismo é classificado em quatro tipos: Estado⁶ (de direita ou de esquerda), Nacionalista, Separatista, Religioso e

⁵ A idéia de que algum grupo de pessoas, algum tipo de atividade, alguma parte da vida humana está em algum sentido fora da esfera da lei e da jurisdição religiosas é estranha ao pensamento muçulmano (...) Há apenas uma única lei, o shariá, que é aceito pelos muçulmanos como de origem divina e regula todos os aspectos da vida humana: civil, comercial, criminal, constitucional” (Lewis, 2002, p.117).

⁶ O regime francês do século XVII é tomado como caracterizador do terrorismo de Estado. O conceito aplica-se também para o regime facista de Mussolin, nazista de Hitler, socialista de Stalin e para as ditaduras que varreram a América Latina. (Wainberg, 2005). Autores como Noam Chomsky (2005)



Anarquista. Na realidade, alguns autores percebem este movimento como ciclos, como ondas de terrorismo: anárquica, anticolonial, nova esquerda e religiosa. Nosso objeto, entretanto, solicita um debate mais aprofundado sobre esta nova onda, a considerada religiosa.

Especialistas em terrorismo, como Walter Laqueur (2003), defendem que realmente estamos numa nova fase do terrorismo, pós os atentados de 11 de Setembro e ascensão da Al Qaeda no cenário internacional. Sob marca de novo terrorismo global, caracterizada pela percepção subjetiva de justiça, perspectiva não estatal, violência deliberada e imprevisibilidade, os terroristas representam mais perigo para as sociedades por primarem pela luta com destruição indiscriminada, maior potencial destrutivo (convencional ou não), afronta direta ao Estado-nação e combinação de fanatismo religioso (suicídio), extremismo político e possibilidade de uso de armas de destruição em massa. Além destas características os terroristas conseguem se apropriar das vantagens tecnológicas da informação para implementar suas ações de modo descentralizado territorialmente. Logo, são grupos formados por células *ad hoc*, flexíveis podendo ter apenas uma operação como razão de existência. (Stern, 2004 e Laquer, 2003).

O elevado número de atentados⁷ praticados por grupos extremistas árabes fez eclodir no discurso midiático as expressões **terror islâmico** e **fundamentalistas**, aproximando estas caracterizações à religião muçumana, as suas marcas supostamente violenta⁸. O perigo eleva-se, desta forma, por este tipo de terrorista ser maniqueísta, perpetrando a luta do bem contra o mal, o uso da violência é justificado enquanto um serviço a Deus. Estão, nesta lógica dos estrategistas americanos, apartados das leis e valores seculares, por isso tornam-se imprevisíveis.

Karen Armstrong (2001) demonstra como esta associação, sem levar em consideração questões do âmbito cultural e sócio-político, é errônea, estimula o preconceito e não oferece uma representação coerente da realidade, ao associar a religião ao passado, ao extremismo, a aversão à modernidade. Armstrong defende que os movimentos fundamentalistas possuem características comuns: estão desapontados e desencantados com a modernidade, acreditam que o sistema secular vai eliminar a religião, tendem a criar um enclave de crença pura, rompendo com a cultura

defendem que os americanos também praticam como outros povos atos terroristas direta e indiretamente, através do seu Estado.

⁷ De 1980 a 1995, o número de atentados caracterizado de religioso pula de dois para vinte e cinco.

⁸ Laqueur chega a dizer que o Islã está envolvido em dezesseis dos vinte conflitos da última década.



predominante, colocam a religião no centro do processo das relações internacionais. Para a autora, o fundamentalismo religioso é uma expressão da modernidade, que não poderiam aparecer em outras épocas.

“A mídia ocidental muitas vezes dá a impressão de que a forma da religiosidade armada e ocasionalmente violenta conhecida como “fundamentalista” é um fenômeno puramente islâmico (...) o fundamentalismo é um fato global e em toda a religião importante tem surgido como resposta aos problemas de nossa modernidade. Há o judaísmo fundamentalista, o cristianismo fundamentalista, o budismo fundamentalista (...) Este tipo de fé surgiu primeiro no mundo cristão dos Estados Unidos no início do século XX. O que não foi acidental” (Armstrong, 2001, p.219-220).

Gilles Kepel (2004) também aponta a incongruência em pensar o terrorismo e fundamentalismo como uma consequência da religião islâmica. O surgimento de ideólogos como Mawdoudi, no Paquistão, Khomeini, no Irã, Hasan el Banna (Irmandade Muçulmana) e Sayyid Qutb, no Egito, que defendiam a tese de que o islã sozinho, puro, depurado, é a solução, edifica um discurso político que busca na religião a solução para o desencanto com o discurso modernizante impetrado, principalmente, pelos nacionais socialistas da região. A força dos movimentos está ainda associada ao poder dos petro-dólares e do wahabismo, uma corrente religiosa que se desenvolveu na Arábia Saudita, financiou e exportou sua interpretação radical do islã para todo o Oriente Médio. Kepel defende, portanto, que os movimentos islamistas, incluindo a Al Qaeda, é fruto de um processo político dos últimos 30 anos no Oriente Médio, que se desenvolveu a partir da eleição de uma leitura extremada da religião como motor de reencontro da região com os desígnios do profeta Maomé. A opção para chegar atingir este objetivo seria o uso da violência, com emprego “legítimo” da jihad⁹.

Terrorismo, a explosão e os discursos da mídia

Na comunicação, o pesquisador espanhol Miquel Rodrigo Alsina, ainda preocupado em entender o fenômeno do ETA, naquele país, trouxe algumas pistas analíticas. A partir da análise dos principais jornais espanhóis, o autor avalia a vertente comunicativa do terrorismo e sua relação com o discurso jornalístico, de modo a identificar as razões que levam as ações terroristas ocuparem tanto espaço na agenda

⁹ O termo jihad possui mais de uma interpretação pelos muçulmanos. “O termo tanto pode significar luta interna, para auto-aprimoramento espiritual e moral (*tafs*), quanto luta defensiva ao Islã em caso de agressão, como luta de expansão do Islã em terras consideradas pagãs (*al-jahiliyya*) ou até, em casos radicais, contra os *kuffurs*, hipócritas e hereges. Segundo a percepção desse recente movimento de interpretação usualmente politizada ou seletiva do monoteísmo Muçumano, daí Islamista, dois são os estágios de *jihad* que o fiel verdadeiro deve considerar como um dever no tempo presente: uma contra os *kuffurs* e outra contra os pagãos externos, em específico o Grande Satã.” (Ruettimann, 2005, p.16).



mediática. Compreendido como um ato de violência política, o terrorismo, de acordo com Alsina, não pode ser visto apenas como um ato de propaganda, apesar do atentado possuir vários valores-notícia que permitem a transformação do acontecimento em notícia: a ruptura da regularidade de modo diferenciado das transgressões comuns; o caráter político, a imprevisibilidade e a rapidez da ação. Características que sempre opõem meios de comunicação e governos, que insistem em orientar os veículos a não publicar notícias relacionadas aos atentados, como ocorreu em 1988, quando o governo inglês proibiu que se veiculasse notícias sobre o grupo terrorista IRA, nas rádios e TVs estatais, ou durante a guerra do Afeganistão, em que o governo do presidente americano George W. Bush tomou posição semelhante.

Na realidade, defende Alsina, que não existe uma convivência dos meios de comunicação com o terrorismo. Entretanto, os terroristas podem sim usar as informações veiculadas em seu benefício, independente de sua função original, o que não autorizaria a censura. A atração dos meios pelos atentados está ancorada também em duas bases: a econômica, visto que a informação sobre terrorismo pode aumentar a audiência; e a política, que pode fazer dos meios, objetos de manipulação política. Governo, partidos, políticos, dessa forma, podem usar o terrorismo para consolidar alianças políticas, legitimando suas ações e deslegitimando os seus opositores.

Por ser um acontecimento importante (Gomis, 2002), que destrói as rotinas do cotidiano e não pode deixar de ser dito, o atentado terrorista produz respostas, com a promoção de novos acontecimentos. A repercussão deve-se as seqüências de declarações de políticos, condenações, divulgação dos comunicados dos terroristas, aos registros que deixados no local, além do acréscimo dado pela espetacularização, que a explosão de violência permite.

Miquel Rodrigo destaca a existência de três tipos de fontes na cobertura de atentados: a jornalística (agências de notícias, jornais e etc); os terroristas, cujo acesso é difícil; e as fontes oficiais, governo, partidos políticos, polícia. De modo geral, os jornais limitam-se a descrição e críticas sem aprofundar a questão social, política e cultural que envolve o fenômeno, além de não distinguir os movimentos, usando os mesmos critérios para compreendê-los. Três posições são predominantes, de acordo com o autor, no jornalismo frente ao terrorismo. A primeira aborda-o como uma notícia, segundo as normas jornalísticas da noticiabilidade, o resultado é a ausência de condenação nos editoriais dos. Em seguida, aparece o seletivo. Neste sentido, os veículos impõem auto-limites, informam sobre terrorismo, ressaltam sua importância,

mas adotam uma política editorial antiterrorista. Por último, destaca-se a posição contrária, com ênfase no combate ao terrorismo de modo a alcançar um efeito na audiência.

Alsina dedica boa parte de seu trabalho para caracterizar os discursos predominantes no jornalismo, segundo as fontes utilizadas, quando o assunto é terrorismo. Ele propõe o discurso oficial, alternativo, oposição e populista. Outra classificação possível e condutora da análise neste trabalho é a que classifica o discurso sobre o terrorismo de acordo com os campos semânticos:

a) Jurídico – considera o terrorismo como uma disfuncionalidade social, uma ruptura da ordem de caráter ilegal, um ato individual, de um sujeito, sem causas. Os terroristas são considerados delinquentes comuns, centra a avaliação no ato, desconhecendo qualquer motivação que não seja causar um dano imediato.

b) Patológico - o problema é de ordem biológica, psiquiátrica, não social. O terrorismo é percebido como um problema do individual, neste caso, fanáticos irracionais. Exclui-se a vertente política.

c) Político – classifica o terrorismo como violência política e suas ações como consequência da atividade política. Deste modo, a violência é um instrumento, não o fim. A solução para o problema está na política.

d) Militar – Caracteriza o terrorismo como guerra para a implantação de um Estado. Confere um status bélico e coloca a violência como um ato legal, na luta pela implantação de um Estado, dentro do Estado.

Por analisar o terrorismo na Espanha, basicamente o ETA, ao autor escapa um discurso sobre o terrorismo que vem ganhando espaço na mídia internacional, o religioso, como debatemos no tópico anterior. Pensar o terrorismo pelo véis da religião islâmica tornou-se uma perspectiva hegemônica nos principais jornais do mundo. No Brasil, o modelo, quer pela reprodução do material de agências noticiosas, quer na pequena produção própria, está presente nos discursos, com variação de grau, da maioria dos jornais e revistas do país. O discurso religioso caracteriza-se pela associação, numa perspectiva orientalista, do terrorismo ao islamismo, ao Corão e a Sharia.

Os discursos sobre o terrorismo em Veja

A revista Veja, a maior em circulação no país, é caracterizada pelos estudiosos de comunicação como perfil conservador e defensor de signos representativos do neo-

liberalismo, como liberdade de mercado, consumo e economia capitalista. Na realidade, a revista tende a reproduzir as representações orientalistas sobre o Oriente, simplificando as relações, sua cultura e religião. A revista usa de termos pejorativos para retratar os povos, suas culturas e religião.

“Os termos cunhados para se referir aos muçulmanos em geral são: ‘barbudos’, ‘fanáticos islâmicos ensandecidos’, ‘sociedade dos turbantes’, ‘universo dos turbantes’, ‘loucos de Alá’, ‘fanático muçulmano’. Já os termos que a revista tem designado para os terroristas são: ‘barbudinhos de movimentos extremistas’, ‘fanáticos muçulmanos’, ‘fanáticos do Islã’, ‘soldados numa guerra santa contra o Ocidente’ (Queiroz 2005, p.4).

Neste artigo, observaremos quais os discursos predominantes, de acordo com a classificação apresentada por Alsina, acrescentada do discurso religioso, nas reportagens publicadas pela revista *Veja* sobre três importantes atentados terroristas ocorridos no Ocidente, no pós 11 de setembro: o 11 de março (Espanha), Beslan (Rússia) e Londres (Reino Unido).

A revista *Veja* na reportagem 11 de março de 2004: o século marcado pelo signo do terror, uma clara alusão à data símbolo 11 de setembro, constrói seu discurso condenatório ao terrorismo, por considerá-lo moralmente inaceitável, ancorado nos discursos religioso e patológico. Em diálogo intenso, estes predominam no material informativo. Unidades de registro como islâmico, monstruoso, fanatismo, seitas religiosas, loucura, religião muçulmana estilo corânico, guerra santa e radicais de Alá vão dando sentido ao propósito do veículo: pensar o terrorismo como um choque de civilização, conforme anunciava Huntington, entre Oriente e Ocidente, um atentado à civilização.

“Foi na Europa de 200 anos atrás que emergiram as noções de liberdade individual, de igualdade perante a lei e de fraternidade entre os povos (...) Não pode ser na Europa do século XXI que essas noções se perderão. É contra a civilização, enfim, que o terrorismo atenta”. (Terror: um espectro ronda a Europa. *Veja*, 17.mar.04)

O repórter Jaime Klintowitz inicia a reportagem destacando a destruição e o sofrimento provocado pela explosão nos trens de Madri, que deixou 200 mortos e 1500 feridos. Ele segue um padrão comum da cobertura de atentado, segundo apontou Alsina. Daí neste momento predominar o tom moral, humanístico, denunciado com as expressões: “dia da infâmia terrorista”; “maior carnificina”; “crime monstruoso”; “sangue inocente” e “civis inocentes”. A capa também traz este apelo. A foto dos bombeiros espanhóis cobrindo corpos dilacerados, no alto Madri, 11 de março de 2004,

abaixo a sentença: “As vítimas somos todos nós”. Logo depois, abandona esta perspectiva para adotar um discurso que nega a dimensão política do terrorismo. Os trechos abaixo evidenciam como a revista não aceita qualquer justificativa para o terrorismo, aderindo ao discurso do governo americano de que somente a força é capaz de detê-los.

“Alimentou a idéia de que ele decorria da pobreza e da opressão e que sumiria tão logo deixasse de exigir a injustiça social e política. Essa visão com foco na existência de uma “**causa justa**” ajudou a impedir que o terrorismo fosse enfrentado com **toda a força** que sua virulência exige” (11 de março: o século marcado pelo signo do terror. Veja, 17.mar.04). {grifo nosso}

“Venceu então a tese de que um povo que luta pela própria independência tem o direito de apelar para atos terroristas. Engenhosa em sua formulação, a teoria abriu a porta para abusos de toda ordem. A explosão dos trens espanhóis pulveriza qualquer **ilusão** que possa ter restado a respeito do terrorismo como arma de uma guerra justa” (Idem) {grifo nosso}

Outra estratégia orientalista é descredenciar as causas, por completo, do terrorismo de modo a perceber os terroristas como fanáticos, ilógicos, loucos, bárbaros, extemporâneos. Neste aspecto, o discurso patológico também submerge as questões políticas e sociais, que garantem explicação para o fenômeno, percebendo-o na sua dimensão individual, privativa. A Al Qaeda e Osama Bin Laden são, neste acaso, os atores preferidos do terrorismo para a Veja.

“A bandeira erguida pelos grupos terroristas árabes e islâmicos é tão **difusa** que não há possibilidade de conciliação (...) os terroristas não precisam de **nenhum objetivo** pra destruir as torres gêmeas do *Worl Trade Center*, em 2001 (...) “Walter Laqueur diz que não é politicamente correto admitir, mas há em muitos terroristas um elemento de **loucura** (...) Esse componente de **insanidade** é uma das complicações do terrorismo contemporâneo”.

“Se o atentado foi obra de extremistas islâmicos (...) O continente terá agora de ser mais compreensivo em relação aos países que enfrentam com **medidas duras** o terrorismo” (Idem) {grifo nosso}.

A cobertura de Veja do seqüestro de crianças em uma escola de Beslan na Ossetia do Norte (Rússia), em Setembro de 2004 por separatistas tchetchenos, que desde de 1991 lutam continuamente pela independência, exibiu de forma mais clara as concepções orientalistas do semanário.

Capa¹⁰ da edição, em reportagem especial de várias páginas, o atentado de Beslan ganha o nome de Massacre dos Inocentes, pobre em narração e rica em elementos opinativos e análises conservadoras. Em seguida, uma espécie de editorial, como apoio ao título, que em poucas palavras expõe ênfase no discurso patológico e religioso:

¹⁰ Veja opta por colocar na capa a foto de uma mãe que sofre ao acariciar o cadáver da filha. Há uma clara intenção de explorar a dor, reivindicar o luto com o predomínio do preto, propositadamente dominante, e homenagear as crianças com o título: Beslan, Rússia.- 3 de setembro de 2004.

“Não existe **fé** ou **causa**, por mais justa, que justifique o **assassínio** indiscriminado de quase 200 crianças como o perpetrado por **terroristas islâmicos** chechenos em Beslan, na Rússia. A ousadia crescente e a **crudelidade** sem limites do terror são o maior desafio enfrentado pelo mundo **civilizado**” (O massacre dos inocentes. Veja, 08.set.04) {grifo nosso}.

A condenação veemente do atentado, por se tratar de crianças¹¹, que é símbolo de inocência, pureza, fragilidade e por isso precisa ser protegida, na cultura ocidental, torna abundantes unidades de registro como islâmico, fundamentalista islâmico, fanáticos islâmicos, fanático muçulmano, e a Al Qaeda, novamente, é elemento símbolo do terrorismo. O modelo discursivo descrito na reportagem anterior permanece praticamente inalterado. O que muda é o grau de exposição de um modelo de pensamento. Desde da capa com imagem de fundo preto, representando a dor de uma mãe que teve o filho morto, a revista apela para o lado humano, ao destacar a violência, a morte e o sofrimento de boa parte da população da pequena cidade de Beslan, que neste caso, foi a representante do mundo civilizado. Mundo ofendido, insultado que precisa reagir com força contra este inimigo.

O uso dos discursos religioso e patológico fica mais evidente como elemento explicativo para o fenômeno. A primeira estratégia é deslegitimar o pleito dos chechenos, ao considerá-la, numa tentativa de análise, uma **republiqueta** autônoma, logo sem peso político, nem econômico. Praticamente a Veja elimina o lado político da questão.

“Se a questão na Chechênia fosse só nacionalismo, já seria uma grande encrenca, mas poderia encontrar uma **solução no mundo racional** (...) o fundamentalismo islâmico com sua pauta de **destruição da civilização ocidental**, coloca a luta dos chechenos num universo que a **razão não consegue compreender** (...) Desde o primeiro momento da invasão da escola ficou evidente que os terroristas estavam ali para **matar os reféns** – e evidentemente para morrer num banho de **sangue infiel** e, dessa forma, **repugnante**, ganhar um lugar no paraíso das 72 virgens. As reivindicações eram do tipo que não se pode ser atendido” (Idem) {grifo nosso}.

Veja usa e abusa do discurso religioso. Entre as reportagens analisadas é nesta que a revista exacerba e funde de forma extremada seu preconceito contra o islamismo ao associar o terrorismo à religião. A questão aqui não é a etnia, ambos são caucasianos, é a religião. Um cristão, portanto, pacífico, a outra é islâmica... O trecho abaixo é bastante elucidativo, neste sentido.

¹¹ “O fato de o atentado ter sido direcionado contra crianças acentua o grau de desvio em relação ao que, pelo menos na civilização ocidental, é considerado culturalmente e ideologicamente normal, pois evoca, no imaginário coletivo, uma grave violação da inocência e da santidade da infância e vinca simbolicamente a enorme desproporção entre ousos brutos da força e das armas pelos terroristas-assassinos islâmicos e a fragilidade das crianças-vítimas desprotegidas” (Sousa e Lima, 2005, p.3)

“A Chechênia e a Ossétia do Norte ficam na mesma região, o Cáucaso. A diferença marcante é que os **chechenos são muçulmanos** e acabaram misturando seus objetivos nacionalistas com os da **guerra santa islâmica**. Os **ossetas são** na maioria **cristãos, convivem pacificamente** uns com os outros e até usufruem certa prosperidade, apesar de sua república figurar entre as mais pobres da federação” (Idem) {grifo nosso}.

A perspectiva religiosa, neste sentido, desautoriza qualquer reivindicação dos chechenos, justificando o rigor bélico do governo russo contra os indivíduos. A reportagem aprisiona o fenômeno no indivíduo e, mesmo reconhecendo a violência do governo com os separatistas e toda a população civil da capital do país, Grozni, não se refere ao Estado Russo como um Estado terrorista, nem quando remonta ao comunismo e a Stalin, que deportou, em 1944, a maioria da população para a Sibéria sob pretexto de estarem colaborando com os nazistas.

“(...)Desafiado, Putin invadiu novamente o país e, na luta, destruiu a capital chechena, Grozni (...) Logo depois do massacre de Beslan, o presidente russo Vladimir Putin reagiu com **firmeza** (...) **E por boa razão**. O movimento checheno pela independência **começou político e racional**, mas acabou **tomado pelos clérigos e instrutores islâmicos** que se instalaram no Cáucaso para participar da guerra santa contra os infiéis” (Idem) {grifo nosso}.

A revista isenta o presidente Putin de qualquer responsabilidade com as mortes das crianças, perspectiva destacada por outros veículos como a revista Istoé. O diálogo empreendido com estrategistas americanos que avaliam o fenômeno do terrorismo é percebido na interpretação a partir apenas da violência dos atentados e dos terroristas. Alguns registros do discurso jurídicos foram encontrados, como a falta de causa para o ato e um completo silenciamento do aspecto político.

O que move o **fanatismo islâmico** é a aversão, bastante presente **mesmo entre os muçulmanos menos radicais**, àquilo que considera **os pecados da civilização liberal** – a democracia, a autonomia das mulheres, a economia de mercado e as liberdades individual, artística e sexual. Que tipo de negociação pode haver com quem só deseja o paraíso e a destruição dos hereges? (...) A essência do terrorismo esgota-se no ato em si. (...) Buscar agora as razões que levaram à **desumanização dos terroristas** não faz sentido na ordem de prioridade que suas ações suscitam. Em primeiro lugar, como sustenta Vladimir Putin, eles **precisam ser caçados** onde quer que estejam fincados seus acampamentos”. (“É doloroso que quase todos os terroristas sejam muçulmanos”. Veja, 08.set.04) {grifo nosso}.

A cobertura dos atentados a Londres, por sua vez, é guiada pelo signo do choque de civilizações proposto por Samuel Huntington, costurada numa lógica orientalista, quer pelos enxertos opinativos, quer pelas tentativas de análise, que pela fala de fontes direta ou indiretamente. A exaltação de supostos valores está expressa em unidades de registro como metrópole cosmopolita, berço da democracia. Na capa, dedicada a apontar a relação de Lula com o Mensalão, há uma chamada em vermelho, com a palavra



terrorismo escrita em caixa alta e a pergunta: “Nova York, Madri, Londres... Qual o próximo alvo?”. Nas reportagens A vez de Londres e A nova geração do terror, após associar o 11 de setembro e o 11 de março, buscando marcar o 7 de julho, também se sobressaem os discursos religioso e patológico.

“Londres constituiu-se em alvo óbvio por reunir características que o **fundamentalismo muçulmano** abomina. Um grande centro financeiro mundial, síntese do Ocidente e do capitalismo moderno, metrópole cosmopolita, tolerante com a diversidade humana e berço da democracia.”. (Veja, 13.jul.2005)

Veja, diferente das reportagens anteriores, desce ao acontecimento, buscando explicitar a logística do atentado, visto que, diz a revista:

“Como foi possível aos terroristas realizar quatro ataques, quase simultâneos, no coração da cidade européia com a melhor estrutura para combater esse tipo de perigo?” (idem).

A surpresa com o ocorrido redireciona o olhar para uma especificidade deste acontecimento: eram os terroristas cidadãos ingleses de famílias imigrantes paquistanesas. Seria uma boa oportunidade para debater a questão da identidade no mundo globalizado. A revista ensaia algumas formulações ao afirmar que a perda da identidade, fruto do choque entre tradição e modernidade entre os muçulmanos, leva ao “retorno com fervor exacerbado às raízes religiosas”. A complexidade do problema, entretanto, cede a tentação de atribuir culpa à religião. Isto leva a revista a concluir que o problema está sim na religião. A indagação presente, e a insistência em respondê-la, é como a convivência com valores da sociedade urbana ocidental não foi suficiente para demover estes muçulmanos de idéias tão arcaicas, visto que a Al Qaeda não se constitui mais enquanto um centro organicamente articulado de treinamento de terrorista como fora antes do 11 de setembro. A revista esquece que foi nos Estados Unidos, que o fundamentalismo religioso cristão ganhou escopo, se desenvolveu. Esquece ainda, mesmo mencionando que os terroristas são instruídos via internet, que o terrorismo não é resultado da suposta barbárie de um povo, guiado pela intolerância religiosa, mas fruto das desiguais relações econômicas, políticas e culturais entre os povos.

“Vivem na Inglaterra 2 milhões dos 11 milhões de muçulmanos da Europa. Diferentemente do que seria de esperar, **o contato com a democracia e a tolerância e a prosperidade européias muitas vezes produzem rancor e frustração**. É notável que o atentado de 11 de setembro tenha sido cometido



por uma célula formada por estudantes universitários em Hamburgo, na Alemanha.” (A nova geração do terror. Veja, 13.jul.2005) {grifo nosso}.

A prevalência dos discursos patológico e religioso em *Veja* é perigosa na medida que levanta suspeita sobre os mais de 20 milhões de muçulmanos que vivem na Europa, comunga com intelectuais que põem em dúvida a eficácia da tolerância multicultural, respaldando ações contra todos os muçulmanos que vivem na Europa, e isenta os países europeus de qualquer responsabilidade sobre o ocorrido. Novamente, a privatização do terrorismo na suposta loucura dos indivíduos e na intolerância do islamismo, mesmo cercado de discursos de especialistas, a maioria atrelada a confirmação “científica” do orientalismo, é redutora do fenômeno. Vozes que remontem a história da relação entre estes povos, que buscam entender as especificidades do islamismo enquanto uma religião importante, foram silenciadas. A costura destes trechos abaixo demonstra como o orientalismo está subjacente ao discurso de *Veja*.

“Essa nova geração do terror põe foco num perigo de espantosas dimensões – o crescimento da mentalidade de **jihad** entre os 20 milhões de muçulmanos que vivem na Europa. (...) Para os europeus, a perspectiva de ter como vizinho um potencial **mujahedin** – como são chamados os combatentes da guerra santa islâmica – é assustadora (...) É por isso que muitos europeus se perguntam se a tolerância multicultural não facilitou, por via indireta, a expansão do extremismo islâmico na Europa”. (Idem) {grifo nosso}.

Considerações finais

Adelmo Genro Filho (1987) defende que o jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizado no singular, ou seja, o jornalismo, enquanto modalidade de conhecimento, deve possibilitar ao cidadão a capacidade de realizar uma leitura do mundo, indicando suas complexidade. Os materiais jornalísticos devem sempre trabalhar a realidade a partir da singularidade dos acontecimentos, destacando as particularidades e a universalidade que lhes são intrínsecas. Não resta dúvida que o jornalismo deve cobrir os atentados, abordando suas diversas perspectivas. Comungamos com a perspectiva de Alsina ao defender que o terrorismo é uma faceta da realidade contemporânea a qual o jornalismo não pode fechar os olhos sob pena de perder legitimidade social.

Observamos, contudo, que uma cobertura de um atentado ao desconsiderar a complexidade, a questão político, por exemplo, dos acontecimentos, reduzindo sua complexidade à perspectiva religiosa e as patologias individuais, bloqueiam as potencialidades de conhecimento ofertadas pelo jornalismo. No caso dos atentados e do



noticiário internacional, a responsabilidade dos veículos é ainda maior, visto que pesquisas ligadas aos estudos do agenda *setting* revelam que os indivíduos estão mais propensos a acatar a agenda nestes casos por falta de outras fontes de informação. (Sousa, 1999 e Barros Filho, 2001)

Reconhecemos que a produção jornalística é perpassada por interesses políticos, econômicos e culturais. Logo, nossas visões de mundo nos acompanham inclusive na produção informativa. O jornalista deve, entretanto, buscar o pluralismo, como elemento intrínseco à atividade. Não devemos aceitar visões simplificadas, preconceituosas para formatar nosso discurso sobre a realidade, mesmo que venha travestida de verdade científica.

Cada acontecimento requer questionamentos. Interrogações são necessárias para que possamos, enquanto jornalistas, falar do cotidiano, da vida e principalmente de outros povos, outras culturas. Said nos alertou para a existência de uma representação construída pelo Ocidente para o Oriente, que tenta mostrar este último como um lugar, monolítico, sem diversidade, atrasado, bárbaro, ilógico, habitado por um povo religiosamente fanático. A revista *Veja* adota de forma irrestrita e incondicional este discurso, pensando as relações com o Oriente de forma dicotômica, em constatação de oposição. Os valores ocidentais são percebidos como universais, incontestes e, por isso, recomendados para os povos orientais ultrapassarem o atraso. *Veja*, nas reportagens sobre os atentados de Madri, Beslan e Londres, explora pouco, em forma de texto escrito, o lado humano, a destruição em si, a dor e o sofrimento. Prefere mostrá-lo nas fotografias. Faz algo importante ao deslocar o debate para além da singularidade do acontecimento. O problema, no entanto, está na escolha. Os discursos patológico e religioso não são suficientes para dar conta do terrorismo. Eles, da forma com a *Veja* os utiliza, atende muito mais aos anseios políticos de governos, que buscam justamente eliminar as características políticas e sociais do terrorismo, de modo a retirar dos Estados atingidos qualquer participação no episódio.

Noam Chomsky (2005) lembra-nos que não podemos incorrer no erro de pensar que os orientais têm culturas ruins, marginalizadas, não conseguem suportar nossa liberdade e nossa magnanimidade. O intelectual e ativista político destaca que o terrorismo de Estado está em vigor em nossa época, com terrorismo econômico e militar. Não podemos apoiar o terrorismo como método solucionador, mas não podemos esquecer



que, lembra Chomsky, os Estados Unidos se opuseram sistematicamente à democracia e ao desenvolvimento independente em vários países, apoiaram e apoiam regimes corruptos e brutais, sustentam a ocupação militar israelense na Palestina, lideraram sanções econômicas contra o Iraque, invadiram países que se opunham às suas medidas, e forneceram armas a governos terroristas. Estas ações demandam, num processo dialético, reações. O jornalista não pode desconhecer a história.

Referências Bibliográficas.

- ALISNA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona, Paidós, 1989.
- ARMSTRONG, Karen. **O Islã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na Comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 2001.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Porto Alegre: Tchê. 1987.
- GOMIS, Lorenzo. **Do importante ao interessante** – ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo. In **Pauta Geral**: revista de jornalismo Ano 9, nº 4. Salvador: Calandra, 2002, Pp225-242.
- HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HUNTINGTON, Samuel. **O Choque de civilizações e a recomposição da nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- KEPEL, Gilles. **Jihad..** São Paulo: Bibliex Cooperativa, 2004.
- LAQUEUR, Walter. **No End to War: terrorism in the Twenty-first Century**. New York: Continuum International Publishing Group, 2003.
- LEWIS, Bernard L. **O que deu errado no Oriente Médio?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- MONTOYA, Urpi. **Loucos, fanáticos e fora do tempo: o mundo muçulmano retratado pela mídia ocidental**, 2005. (Texto inédito, apresentado no Fórum Nacional de Professores de Jornalismo).
- NOAM, Chomsky. **Poder e Terrorismo**. São Paulo: Record, 2005.
- QUEIROZ, Ana Virgínia. **A Ocidentalização da informação**. Disponível in <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17200/1/R2721-1.pdf>. Acesso em 20.mar.06
- RUETTIMANN, João Daniel. **A sociedade da informação cobrindo o Oriente Médio**. Disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17199/1/R2715-1.pdf>. Acesso em 20.mar.06
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **Covering Islam: How the media and the experts determine how we see the rest of the world**. New York, 1997
- _____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos: as “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos**. Lisboa, Universidade Fernando Pessoa, 1999.
- SOUSA, Jorge Pedro e LIMA, Maria Érica de Oliveira. **Jornalismo e Terrorismo: uma análise qualitativa das revistas Veja (Brasil) e Visão (Portugal) ao atentado à escola de Beslan**. Trabalho apresentado no III Encontro de Pesquisadores em Jornalismo. Florianópolis, SC, 2005.
- STERN, Jessica., **Terror em nome de Deus**. São Paulo, Barcarolla, 2004.
- TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo – RS: Editora Unisinos, 2002.
- WAINBERG, Jacques A. **Mídia e Terror: comunicação e violência política**. São Paulo: Paulus, 2005.